

MIGUEL AZGUIME

60 ANOS

**SOND'AR-TE ELECTRIC
ENSEMBLE**
MAESTRO PEDRO NEVES
22 OUTUBRO

MISO ENSEMBLE
ITINERÁRIO DO SAL
23 OUTUBRO



TEATRO
SAO LUIS
TEATROSAOLUIZ.PT
MÚSICA 2020

MIGUEL AZGUIME, CRIADOR-NO-MUNDO

Miguel Azguime é um caso singular, desde o princípio. Ou devíamos dizer “princípios”, no plural? O Miso Ensemble foi um ovni no panorama musical do seu tempo quando foi criado, por Miguel e Paula Azguime, em 1985. Era *apenas* um originalíssimo duo de flauta e percussão com nome de caldo japonês - uma dádiva dos deuses. O Miso descobriu entretanto muitos amigos, andou incansavelmente à procura de sons inauditos e de uma nova forma de criar. Os Azguimes improvisavam, amavam, compunham, encontravam cúmplices para derrubar as barreiras do som e da performance. Uma atitude que subvertia as ideias dominantes do que era a música nova e do que podia ser um concerto - ideias que nunca mais os largaram. Entretanto, desde meados dos

anos 90, Miguel Azguime dedicase a tempo inteiro à composição e menos à interpretação, mas sem deixar a paixão de actuar, subindo ao palco como performer, actor e narrador em algumas das suas obras.

Compositor a tempo inteiro? Como sobrou então tempo para um trabalho persistente e teimoso de divulgação da música contemporânea portuguesa e mundial (basta lembrar o festival Musica Viva, que está bem vivo), ou para dirigir artisticamente um dos mais entusiasmantes ensembles de música contemporânea dos tempos que correm, o Sond'Arte *Electric* Ensemble, que actuará num destes dois dias de aniversário? Aniversário, sim, porque são 60 anos de vida (e muitos a fazer música), mas sobretudo uma oportunidade de

conhecimento e *re-conhecimento* vivo da sua obra. Miguel Azguime é um dos que seguiu a esteira de Constança Capdeville na recusa do tradicionalismo e do mofo, pela irreverência, pela pesquisa, pela invenção. Ao lado dos mais inquietos compositores e compositoras da sua geração e, para nosso bem, das gerações seguintes também.

O que se poderá ouvir no São Luiz nestas duas ocasiões são criações de um dos mais activos e inventivos criadores da actualidade. Azguime é um criador-no-mundo, atento aos perigos globais do não-pensamento, da estupidificação, do nivelamento e depreciamento das artes, da sua submissão mercantil ou do esquecimento e silenciamento daquilo que é, para ele, das coisas mais decisivas para o ser humano – uma arte livre.

Nas suas composições, para além da abertura de horizontes novos a partir das sementes lançadas pelo serialismo, pela música espectral, pela música concreta e pela evolução da electrónica, ouve-se uma alegria de inventar e descobrir qualquer coisa de inaudito em cada obra. Por isso se poderia invocar tanto as liberdades que tomou Beethoven há 200 anos atrás como a atitude de ruptura, sonho e liberdade dos poetas surrealistas. «Tout un royaume a l'envers à découvrir» («todo um reino ao

avesso a desvendar»), como diz um verso de Mário Dionísio escrito em francês, por sinal uma das línguas mais queridas e usadas de Miguel Azguime.

Cada peça sua é um rasto e um sedimento, fruto de uma necessidade interior profunda, de um acto de paixão e metamorfose. É fruto de um trabalho poético sobre materiais concretos disponíveis – expressão, a seu modo, da capacidade humana de criar mundos e derrotar o vazio. É, no fim de contas, a presença concreta – aqui e agora – da chama inapagável da criação. Um fogo que arde e que se deixa ouvir. Mas também o artesanato delicado, rigoroso e feroz da matéria musical, no conflito poético com os difíceis tempos do presente. Uma criação musical para os outros e para hoje, mas sem concessões às modas e aos cânones.

Icon I, para percussão solo, com dorna (recipiente de madeira para armazenar uvas das vindimas) e escada de madeira, remete-nos para os princípios do Miso Ensemble, quando a composição emanava do acto de improvisar no(s) seu(s) instrumento(s) de eleição. Oportunidade rara de a ouvir ao vivo, agora pelas mãos do percussionista João Dias.

O *Intermezzo* da sua última ópera, *A laugh to cry*, que ouviremos com a jovem soprano Camila Mandillo,

é um dos momentos altos desta obra de 2013, um autêntico «aviso de incêndio» relativamente à destruição do planeta terra, desesperado e esperançoso.

De Part et d'Autre, de 2011, uma encomenda do Ministério da Cultura Francês, é uma obra-chave da fase mais recente do compositor, com amplificação e processamento electrónico de todos os instrumentos acústicos que compõem o ensemble. O Sond'Ar-te *Electric Ensemble* sabe fazê-la dando um novo sentido à palavra virtuosismo.

Trabalho poético I: árvore, para ensemble e soprano é a mais recente obra apresentada, escrita em 2016 a partir de um magnífico poema de Carlos de Oliveira, cúmplice poético e autor caro a Miguel Azguime, talvez também pela sua capacidade reflexiva acerca do que precede e do que irrompe no acto criativo: «As raízes da árvore/ rebentam/ nesta página/ inesperadamente».

Finalmente, *Mestre Gato ou O Gato de Botas*, um conto contado com som, para recitante, ensemble e electrónica. O famoso conto de Perrault revisitado por Miguel Azguime, deixando entrever o seu agudo sentido de humor.

Felizmente haverá ainda a inesperada reposição de *Itinerário do Sal*, uma *Op-Era* com história, fruto de um percurso e de uma

reflexão profunda sobre o criador-no-mundo, mas ao mesmo tempo sem precedentes na criação portuguesa das últimas décadas. Um teatro em que os meios se conjugam, não para fazer fogo de vista, mas para pensar (com ajuda dos ouvidos) aquilo que está por fazer. Uma obra sobre o conhecimento de si mesmo e do mundo no próprio acto de desbravar caminhos através da música, dos sons, das imagens, da palavra. Da palavra, é preciso sublinhar, porque Miguel Azguime é ainda o poeta quase desconhecido que a sua *Op-Era* nos vai revelando. «Ópera», que designou há 400 anos o emergir de um novo teatro através da música, é agora reaberta por um hífen, num jogo que sugere que podemos abrir os olhos e os ouvidos ao que pode ser um «teatro-música» para os nossos tempos, feito de gesto, palavra, vídeo, música, movimento e meios electrónicos. Ópera incomum, que é também uma reflexão singular acerca da potência da criação e sobre o que é ser – hoje! – um criador e um autor. Muito mais do que um presente de aniversário, estes dois espectáculos são uma dádiva ao presente.

PEDRO BOLÉO
Jornalista e crítico de música

O autor escreve de acordo com a antiga grafia

ITINERÁRIO DO SAL

I - A AUSÊNCIA DO AUTOR

Prólogo: o oráculo ou a passagem

Desvendar o mistério da ausência do autor
Deitar alguma luz sobre a questão
Uma questão deitada dorme sem resposta
O autor não dorme mas ausenta-se
A sua presença está ausente
Por isso perdura a questão
Enquanto dura a sua ausência
A presença questiona-se
No silêncio da presença do autor ausente
A solução pergunta-se sobre esta questão
A pergunta não tem palavras
A questão silencia o som
O som licencia a questão
É uma questão de silêncio sem autor

A Ausência do Autor

O autor está no meio do silêncio
Um silêncio tão profundo que o impele a olhar para o interior de si próprio
À procura de ser o que o faz ser
Certo de que o seu ser afinal está
À procura de um olhar numa estranha imensidão de seres
Que à sua volta ou à sua frente lhe pedem que faça um esforço
E lhes conte por palavras suas, próprias, desmedidas, algo que os faça crer
Mas o autor mantém a sua silenciosa postura
Olhando fixamente nos olhos da imensidão (*que pouco a pouco se preenche*)

um vezme perdurado
touro está manipicrente
fronso nhude talsente
o autor elevapos sonho
mulhos pendida perde
zontos veztal onduhô
temem linão perdidamente
lioulhos festam nem te ri

nima-se a sua crença
tantenos piude na mente
não mente nem poente
sen cia çãna outeperde
postos no ouro do rizonte
perva mesmo ali
audida ausente edovale
a ausência perdura onda
à frente nempo em te
da frente pente o piu
manifesta-se nos entes
talvez
dute poste vadoro sema
ausência de molhos dotusno

A ausência perdura...
O autor está ausente...
Perdidamente dura a sua crença na mente
Nem mente nem poente se manifestam nos entes
Talvez um pente elevado a pi
ou os olhos postos no ouro do horizonte
mesmo ali á frente da frente onde o sonho
perde o pi...u

No centro da circunferência do silêncio
No meio tão profundo do olhar
O autor (*deve estar*) está... completamente louco
Oco coou a mente através do pente
ficando com a substância transparente
Do ente no leito da sua mão

A nata!
A fina flor!
A quinta essência!

Encostado às palavras que não têm som
O som do silêncio da presença do autor ausente
A presença do som na ausência do autor
A presença do autor na ausência do som
Ou a presente ausência do silêncio do som?

A essência presente presente que o autor ausente
Sente sem som cem sons sempre

A vontade do autor
Licencia e silencia o som

A quietude aqui é tudo
Tudo perdura por fazer
Tudo permanece por recomençar

Seja feita a sua vontade (*a do autor*) na sua ausente presença

II - O AR DO TEXTO OPERA A FORMA DO SOM INTERIOR

Caligrafias

O Ar em silêncio deixa escrever... descrever o som?

O Ar do Texto

som tem um
um ar dum
ar dum som
tem som dar
tom sem um ar

o ar tem um ar
onde sendo por bem
além da inspiração
tende conforme
forma de conduzir
a propagação da ondulação
do texto

o som tem um ar
o texto tem um som
o ar do texto opera
a forma do som interior

Formant-Melodies

conduzir operações sobre o texto
condicionar o corpo do texto
o curso da forma
as partes do corpo
prolongar a linha...
sobre... posição do olhar
demorar a distância
na perspectiva do ponto
o campo estende-se
completa-se
agrega-se
estranha-se
conforma-se

sobreposto olhar
ter o ar de
parecer recente
a par de voltar a sentir
ter de ser o ar
sê-lo
aposto
formado
pelo ângulo
de novo recto

perspectiva perpendicular da distância sobre a linha do corpo
aposta entre as opções da operação que o texto induz.
interior inclinação para conduzir a forma a bom corpo

sem recurso
sigo o cursor
sem retorno
em torno
torno a estar
contra
contra-estar
para contrariar
o ponto recto contrário
à continuidade da posição do ar

O Som Interior

o som tem um ar
o texto tem um som
o ar do texto opera
a forma do som interior

III - O ITINERÁRIO DO SAL

De Part et d'Autre

De part et d'autre
De paire permettre
Pas de peur de l'art
Proches et pour
Quoi prendre en prêt
De pores et pu
De possibles pères
Au départ debout
Pas à pas
En attente à tout
À temps tenter
Paraître parmi
Peux à peu
Mise au pas
Elle même se meut
Et se pare pour moi

Soit un savoir
Soeur sure soie
Sur soi sans sur
Censure
Soucis de cire
Certes un soir
Certain
C'est serres

Protéger du vent
Du vert dans l'un
Tant veux vivre
Que vrai semble
Semblable

Blable blebla blelebel
Belelabas labalebe
Lebalabele belebala
Labalaba balalabe
Lelebe le beau bale
Le bas de soie de la belle
Est bas ébahit ici bas gît
L'âme l'amant
Là même
La mémoire autant
Que nous ses mois six pas
sés en sourdine
Cèdent le pas et l'ouvre l'ouie
Livré vrai décidé libre
Libe liba libalabou
Laba libé liba libou
Où

À plusieurs voix

À plusieurs voix
C'est tout dire
À la fois
Faire croire
Qu'il ya à dire
Alors qu'a faire
Un son sans mot est préférable
Un préférable est sans son mot
Un mot est préférable sans son
Un est son sans mot préférable
Un sans son préférable est mot
Un mot son sans préférable est
Un préférable mot sans est son
Un est son mot préférable sans
Préférable un son est sans mot
Mot est sans un préférable son
Est sans son préférable mot
Mot préférable
Son préférable
Sans préférable
Est préférable
Préférable

Préférable
Préférable
Référable
Référable
Férable
Férable
Érable
Rable
Able
Ble
Le
E
E
E
Ea
Eaf
Ref
Répre
Re
Ep
Fe
Rea
Léa
Pe
Ep
Ep
Raéb
Lef
Aaaaaahhhh

Itinerário do Sal

Existir por fora e deixar de ser visto
Que ponto de vista ascende a sul
Mapas de travessias espaços de
ocupação
Sobre voar de vez de ver de voz
Ocultar o silêncio no espelho do sal

Que sol nos traz o sal
Que sal nos traz o som
Que som nos deixa a sul

Que sul pelo eixo do rumo

SOLta
SALta
SOMa
SULca

tataaca... taacata... tatacaa... cataata...

Em sal de si de se de lho
De cio lento de som de ção
Culto de voz de ver de vir
De ços de pá de se de sias
De traves pasmas de luz a sul
E dessas vistas ponto viste
Restos de itinerários

Por dentro
A existir

Epílogo do Sal

Lá fora / fora do itinerário / não há
sal / não há sal que lhes chegue / nem
sol que lhes baste / no mapa não cabe
tudo / o mapa não chega a tudo / mas
chega a mim / lá isso sim / chega onde
é preciso chegar / vestido de branco /
o sal do som é a cor que luz / crepita / o
som do sal / a estalar nos ouvidos / em
prata / no espelho d'água / deixa ver /
ver de cá / ver-se de novo / rever-se /
mas atravessá-lo? / isso sim / afinal o
branco é negro / e o espelho quebra a
luz / parte-se / são mil estilhaços / e
são sete anos / tenho um azar ao gato
/ preto / suja o sal do branco / mas
quem é que se esconde na luz? / na luz
ninguém o vê! / não há espaço sem cor
/ não há tempo no branco / há quanto
tempo nasci? / se me pudesse lembrar
do tempo? / mas o tempo é que se
lembra de mim.

SOND'AR-TE ELECTRIC ENSEMBLE

Sala Luís Miguel Cintra
22 outubro, quinta-feira, 21h
€12 a €15 com descontos
Duração: 1h20m

Ícone I

dorna de madeira e escada de madeira

Intermezzo da ópera A Laugh to Cry
soprano & piano (2013)

De Part et d'Autre

flauta, clarinete, piano, violino, violoncelo & live electronics (2011)
Encomenda do Ministério da Cultura Francês

Trabalho Poético I: árvore

soprano, flauta, clarinete, piano, violino, violoncelo (2016)
sobre poema homónimo de Carlos de Oliveira
Encomenda Fundação D. Luís I

Mestre Gato ou o Gato de Botas

recitante, flauta, clarinete, piano, violino, violoncelo & live electronics (2009)
texto de Charles Perrault adaptado por Miguel Azguime
Encomenda da Fundação Centro Cultural de Belém

Maestro: Pedro Neves; Soprano: Camila Mandillo; Recitante: Miguel Azguime; Flauta: Sílvia Cancela; Clarinete: Nuno Pinto; Violino: Vítor Vieira; Violoncelo: Filipe Quaresma; Piano: Elsa Silva; Percussão: João Dias; Sound Design: Paula Azguime; Electrónica: Philippe Trovão

Apoios e Financiamentos: Câmara Municipal de Lisboa, EGEAC,
DGARTES/Ministério da Cultura, Antena 2

MISO ENSEMBLE – OP-ERA ITINERÁRIO DO SAL

Sala Luís Miguel Cintra
23 outubro, sexta-feira, 21h
€12 a €15 com descontos
Duração: 55 min.

Miguel Azguime: composição, textos e performance; Paula Azguime: desenho de som; electrónica em tempo real, encenação e vídeo; Perseu Mandillo: realização vídeo e vídeo em tempo real; André Bartetzki: programação vídeo; Miso Studio: desenvolvimento tecnológico

Apoios e Financiamentos: Câmara Municipal de Lisboa, EGEAC,
DGARTES/Ministério da Cultura, Antena 2

Direção Artística Aida Tavares **Direção Executiva** Ana Rita Osório **Programação** Mais Novos Susana Duarte **Assistente da Direção Artística** Tiza Gonçalves **Adjunta Direção Executiva** Margarida Pacheco **Secretária de Direção** Soraia Amarelinho **Direção de Comunicação** Elsa Barão **Comunicação** Ana Ferreira, Gabriela Lourenço, Nuno Santos **Direção de Produção** Mafalda Santos **Produção Executiva** Andreia Luís, Catarina Ferreira, Tiago Antunes **Direção Técnica** Hernâni Saúde **Adjunto da Direção Técnica** João Nunes **Produção Técnica** Margarida Sousa Dias **Iluminação** Carlos Tiago, Ricardo Campos, Tiago Pedro, Sérgio Joaquim **Maquinaria** António Palma, Miguel Rocha, Vasco Ferreira, Vítor Madeira **Som** João Caldeira, Gonçalo Sousa, Nuno Saias, Ricardo Fernandes, Rui Lopes **Operação Vídeo** João Van Zelst **Manutenção e Segurança** Ricardo Joaquim **Coordenação da Direção de Cena** Marta Pedroso **Direção de Cena** Maria Tavora, Sara Garrinhas **Assistente da Direção de Cena** Ana Cristina Lucas **Camareira** Rita Talina (TBA) **Bilheteira** Cristina Santos, Diana Bento, Renato Botão